



A sociedade de consumo transformou por completo a noção de cultura. Hoje, todas as actividades, desde a moda, à indústria automóvel, do turismo ao urbanismo, obedecem às leis da economia, porque tudo tem de ser rentável. Deixaram de vender produtos, para venderem um estilo de vida. A cultura deixou de ser um mundo exclusivo das elites, para ser um mundo de todos. Esta cultura-mundo, de que falam Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, que unifica as sociedades, é a mesma que permite a cada um de nós ser diferente de outro. É por isso que vivemos numa sociedade desorientada.

No seu mais recente livro aborda novamente a problemática da sociedade hipermoderna, mas centrando-se num novo conceito, o de cultura-mundo. O que é a cultura-mundo?

A cultura-mundo é constituída por cinco grandes lógicas: o mercado, a ciência, a informação, a indústria cultural e as novas tecnologias de comunicação e a individualização. São cinco vectores que estão presentes em todo o planeta, em graus diferentes, e que funcionam como vectores de unificação planetária, uma vez que aproximam as sociedades, pois, de agora em diante, teremos estruturas e lógicas de modernidade semelhantes em todo o lado. O que pretendo demonstrar é que a mundialização não é apenas o fim do comunismo, as novas tecnologias de informação e o capitalismo. É também uma cultura, uma maneira de pensar o mundo, uma forma de valorizar uma nova hierarquia de valores, e que, nesse universo, a cultura já não é algo nobre.

Já não é apenas uma cultura de elites?

Exactamente. É uma cultura mundial, que obedece aos mesmos princípios que a economia. Hoje em dia, a cultura vende-se, com-



RENATO FIDRIGUEIS (GLOBAL IMAGES)

“Hoje, há demasiado de tudo”

Gilles Lipovetsky defende que, com a *cultura-mundo*, caminhamos para um planeta cada vez mais individualista, tecnológico e comercial

pra-se, exporta-se. A cultura tem que ser renável, especialmente para os grandes grupos. Assistimos a uma mercantilização extrema da cultura, mas, ao mesmo tempo, a uma culturalização do consumo e da mercadoria.

Pode ser mais específico?

Tenhamos em conta o início da sociedade de consumo nos EUA, onde foi construído o modelo *Ford-T*. Ford queria um veículo universal, não muito caro, acessível à maioria das pessoas. Uma viatura utilitária, sem qualquer adorno, sólida e que andasse. Era este o modelo de Ford. Actualmente, não há indústria automóvel que funcione assim. Fazem-se filmes publicitários, comunicações, criam-se fundações para ajudar as crianças. Uma marca, hoje, não vende apenas um produto, vende uma cultura, um estilo de vida.

Tendo em conta a unificação planetária de que fala, a cultura-mundo representa o desaparecimento das tradições locais, da identidade nacional de cada um dos países?

Não. Nem da identidade nacional, nem da religião, nem da língua, nem mesmo do paladar. A McDonald's, por exemplo, não faz o mesmo tipo de hambúrguer em todo o lado. As culturas locais, as culturas nacionais, não vão desaparecer. O que são as culturas regionais e nacionais? São a língua. E o mundo da cultura é a língua. Na Europa, temos as mesmas tecnologias, os mesmos valores, mas as línguas não são as mesmas. Cultura-mundo não significa o desaparecimento das diferenças culturais, embora as tradições de consumo tenham mudado. Os indivíduos são mais livres e, se são mais livres, são diferentes entre si, os gostos diversificam-se, pluralizam-se. Há uma heterogeneização de comportamentos e de gostos.

A cultura-mundo é a libertação do indivíduo?

Absolutamente. É um vector de aceleração



"A CULTURA-MUNDO"
GILLES LIPOVESTSKY
E JEAN SERROY
EDIÇÕES 70

Perfil

Gille Lipovetsky

FILÓSOFO, SOCIÓLOGO
 Professor agregado de Filosofia na Universidade de Grenoble, Gilles Lipovetsky tornou-se conhecido do grande público a partir da publicação de *A era do vazio* (1983), na qual trata a questão da sociedade hipermoderna. Uma sociedade marcada pela perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas. O livro foi fortemente criticado pelos sectores intelectuais franceses. As obras de Lipovetsky debruçam-se todas sobre as transformações sociais e culturais do mundo contemporâneo, em particular as no que diz respeito ao individualismo, à moda, ao luxo, às mulheres e à ética e ao consumo. Gilles Lipovetsky nasceu em Millau (França) no dia 24 de Setembro de 1944.

do individualismo, da individualização, que existe mesmo nos países que se mostrem hostis à mundialização. É o caso do mundo islâmico. No Irão, as mulheres têm a mesma taxa de fecundização que na Europa. Significa isso que as mulheres conquistaram o poder de controlar os nascimentos, o que é um exemplo típico de individualização. Elas têm acesso à Internet, formam-se, vão a Abu Dabi fazer compras nos centros comerciais. O mundo islâmico tem um discurso hostil ao Ocidente, à mundialização, mas essa hostilidade significa o triunfo do Ocidente. É por isso que a cultura-mundo suscita reacções muito, muito violentas, especialmente no que diz respeito à emancipação das mulheres. Mas julgo que esse é um fenómeno transitório.

É por tudo isto que vivemos numa sociedade desorientada?

Absolutamente. A cultura-mundo acelera a desorientação. Desde o século XIX, que os grandes pensadores ocidentais assinalam este fenómeno, de que a modernidade desorienta. Nietzsche fala na morte de Deus. Hoje, essa questão é mais complexa, por que não é apenas a questão de Deus que nos desorienta, mas é tudo. Vejamos um simples exemplo: o que comer? Antes, era tudo muito simples. Comíamos os pratos tradicionais. Hoje, não é assim. Podemos ir a um restaurante japonês, podemos comer *fast-food*, podemos comer tudo. Nas grandes cidades existem restaurantes de todo o mundo.

Há demasiada informação sobre tudo?

Há demasiada informação e, sobretudo, informação contraditória.

Como viver num Mundo assim?

Não é fácil, porque já não temos os pila-

res de outrora. Antigamente, havia a religião, as tradições e as ideologias políticas.

A cultura-mundo é a nova religião?

Não, de todo. A cultura-mundo não nos diz o que fazer, a religião sim. É o oposto. A religião diz-nos o que está bem e o que está mal; o que podemos e o que não podemos fazer. É muito diferente.

Apesar da falência das religiões, o religioso continua a existir nas sociedades.

É verdade. A cultura-mundo não fez desaparecer o religioso. Há novos movimentos religiosos, que designamos de seitas, há os evangélicos, os protestantes, que estão a aparecer em grande força em África e na América Latina. Há quem diga que as religiões não têm qualquer utilidade, mas eu considero que a cultura-mundo acabou por acolher os grandes dogmas, não os anatemizou como aconteceu nos séculos XIX e XX.

O Mundo, tal como o conhecemos, vai desaparecer?

Não, o que vai desaparecer é a organização religiosa tradicionalista do mundo, que vai dar lugar a um mundo individualista, tecnológico e comercial. Este é o dispositivo geral para todo o planeta. As diferenças farão sentir-se nas traduções políticas. Para alguns países será a democracia liberal, especialmente na Europa e na América do Norte. No resto do mundo, podem existir democracias, mas serão democracias frágeis.

Fenómenos como o nazismo, na Alemanha, o franquismo, em Espanha, serão possíveis no futuro na Europa?

Não creio. Não vejo qualquer ameaça real à democracia no Ocidente.

FÁTIMA MARIANO

fmariano@jn.pt